

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Abifarma 50 anos: Indústria Farmacêutica e Cidadania (ATD)

A paixão pelo cuidado

História de [Antonia Carvalho de Freitas](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 08/09/2004

Projeto 50 anos Abifarma
Depoimento de Antônia Carvalho Freitas
Entrevistada por Karen Worcmam
S/I, 15/05/1997
Realização: Museu de Pessoa
APD_HV033_Antônia Carvalho Freitas
Transcrição
Revisado por Erick Vinicius de Araujo Borges

P - Qual é o seu nome todo?

R - Meu nome é Antônia Carvalho de Freitas, sou agente comunitário de saúde há um ano e seis meses em Aliança do Tocantins. A minha é a área 2, faço Jardim Aliança e Parque União.

P - Eu vou te perguntar umas coisas antes que é da sua vida. Onde você nasceu, Toinha?

R - Pode chamar de Toinha. Eu nasci em Gurupi.

P - Você nasceu quando?

R - Em 16 de março.

P - Como é o nome do seu pai?

R - O meu pai se chama Juvenal Ramos de Freitas.

P - E sua mãe?

R - Carolina Isabel Carvalho.

P - O que seu pai fazia.

R - Meu pai (inaudível).

P - Lá em Gurupi?

R - Não eles estão morando aqui agora, no início em Gurupi, naquele tempo, agora é aqui.

P - Ele já nasceu em Gurupi também?

R - Não, meu pai é cearense e minha mãe é piauiense.

P - E como que é foi? Eles se casaram aonde?

R - Em Gurupi.

P - Seu pai veio do Ceará para Gurupi? Você sabe essa história, você lembra?

R - O meu pai primeiro foi para Trindade perto de Goiás. Lá ele foi criado por uma família de Trindade.

P - Então ele nasceu no Ceará, ele era pobre?

R - Isso, família carente. Foi criado pelo Dr. Seabra que era padrinho dele e o levou para lá. Ele ficou muito tempo lá.

P - Aonde em Goiás?

R - Em Trindade perto de Goiânia. A minha mãe veio direto do Piauí para Gurupi, quando chegou nesse lugar em Gurupi em 1955...

P - Ela veio sozinha?

R - Ela veio com a mãe dela, não tinha pai, só ela e a minha avó. Os parentes do meu irmão da minha avó já moravam em Gurupi e convidaram para que eles viessem, era bom, mais fácil, ganhava dinheiro naquele dia. Quando eles vieram aqui a cidade estava começando, tinha apenas duas ruas. O meu pai veio para tomar de conta de uma torrefação de café, aí se conheceram.

P - O seu pai foi criado pelo Dr. Seabra?

R - Sim.

P - Quem é que era esse Dr. Seabra?

R - Era engenheiro.

P - Engenheiro? Uma pessoa importante na cidade?

R - Isso. Foi o fundador do primeiro colégio que teve.

P - O primeiro fundador foi o Dr. Seabra, aí trouxe o seu pai com que idade, você lembra?

R - Trouxe, meu pai era rapazinho bem novo, acho que devia ter uns 18.

P - Ele conheceu a sua mãe, o que falava?

R - Passaram se gostar e acharam por bem, pensaram primeiro em ir morar junto porque tinha uma esposa gestante. Sou a mais velha da segunda família porque o meu pai já era casado, foi amigado um ano e pouco com a Juracy, uma mulher. Aí passou, porque no Ceará onde moram, o pessoal casa muito novo, meu avô teve três mulheres. Meu pai passou só um ano com uma e largou toda vida, morou em Goiânia, está em Goiânia, a Juracy, primeira mulher do meu pai.

P - Teve algum filho?

R - Não teve nenhum filho, acho que não foi nem um ano, foi pouco, amigado como se fala, o pessoal fala que é amigado. Quando ele conheceu a minha mãe teve tanto problema, tanta confusão, a outra ficava interferindo no meio e não puderam casar, moraram juntos. A minha mãe ficou gestante e tiveram que morar junto, quando o meu pai e a minha mãe casaram, eu participei do casamento deles, eu e o Juvenal, Juvenal filho, já tinha nós dois quando se casavam. A outra ficava implicando com conversa, até que ela desistiu porque o meu pai não voltava mais para ela.

P - Eles se casaram e tiveram quantos filhos?

R - O meu pai e a minha mãe seis, sou a mais velha.

P - Você é a mais velha e tem mais cinco irmãos que nasceram em Gurupi?

R - Em Gurupi, só que quando estava com 12 anos nós mudamos para o Maranhão, passamos dois anos, depois, nós voltamos e meu pai não teve como comprar casa. Nós morávamos no centro, ele voltou para Aliança e ficamos aqui.

P - Voltou para Aliança?

R - Não, voltou para cá porque não tinha como vir, tinha vendido a herança. Minha mãe morava no centro, para ela voltar, ir morar no subúrbio, ela falou que não queria e não tinha condição mais de comprar casa no centro então voltamos para Aliança.

P - Voltando um pouquinho, quando você era criança como que era a sua casa? Você lembra? Seu pai era bravo?

R - A minha mãe era mais brava, o meu pai não, o meu pai era sempre aquele pai de conversar, minha mãe era muito nervosa, explodia muito.

P - Ela batia em vocês?

R - Não, não batia, mas ela brigava muito, brigava demais, demais mesmo.

P - Você fazia muita bagunça?

R - Um pouco eu aprontava.

P - Você gostava de brincar de quê? Você se lembra?

R - Era subir no pé de goiaba, abacate, de manga, igual menino, meus irmãos jogavam peteca e eu brincava pouco de boneca.

P - Você gostava de brincadeira de menino?

R - Queria o brinquedo dos meus irmãos porque eram todos homens, era só eu de mulher aí não queria brincar com os meus, queria brincar com os deles.

P - Jogava futebol também?

R - Jogava, é o queima, queimadinha, parava a bola, de pé, não jogava muito não.

P - Você frequentou a escola? Com quantos anos começou a estudar?

R - 7 anos comecei a estudar.

P - Foi aonde?

R - Na Escola Adventista.

P - É uma escola pública?

R - É de crente mesmo, era adventista.

P - Era boa? Como que era?

R - A escola eram duas salas só, o professor era João Batista Macedo, era assim bem carrasco, não tinha aquele carinho com a gente não. Naquele tempo dava reguada. Ensinava primeiro e segundo, terceiro e quarto, tarde e cedo. Eram duas salas como se fosse assim, uma casa atrás da igreja, ficava essa sala aqui de primeira série e a outra de segunda, à tarde era uma de terceira e a outra de quarta. Eu e os meus irmãos estudavam tudo junto.

P - Era pago essa escola?

R - Não, contribuía, os meus pais são adventistas, os crentes eles pagavam uma taxa bem mínima.

P - Na sua casa a religião era adventista.

R - Meus pais são adventistas até hoje.

P - E você também?

R - Não, fui criada na doutrina adventista mas depois de 15 anos eu saí.

P - Por quê? Não gostava?

R - Não, olha, para você ver, cada religião tem suas normas que tem de ser obedecidas, já que não estava obedecendo, para quê?

P - O que você não obedecia?

R - Assim, tem que ir à igreja, não podia cortar o cabelo, pintar unha, usar jóia, brinco, colar, essas coisas. Então, 15 anos, a gente está naquela fase de querer usar de tudo, experimentar de tudo, curiosidade. Aí não fiquei na igreja.

P - Então na sua infância você ia muito à igreja?

R - Ia com os meus pais que são adventistas.

P - A sua mãe e pai o que achavam? Seus irmãos guardavam também?

R - Não, só um, dois né.

P - Os seus pais ficavam bravos?

R - Não, a minha mãe é aquela crente que não cobra, fala que ela fez, deu de si, mostrou para nós o caminho, agora nós já estamos grandes e caminhamos pelos próprios pés, já sabemos o que é certo e errado. Ela não vai obrigar a gente a seguir aqueles ensinamentos que não temos vocação, cada um segue aquilo que quer.

P - Aí vocês chegaram do Maranhão quando?

R - Foi uns dois anos, nós passamos só um ano e pouco lá.

P - Por que vocês voltaram?

R - Porque o meu pai tem irmão lá e ele, meu tio, achava que era mais fácil, a cidade era mais fácil para ganhar dinheiro. A profissão do meu pai é pedreiro.

P - Você lembra se a sua casa era pobre, faltava dinheiro?

R - Não é que tinha dinheiro, mas também era assim, o alimento nunca faltava, o café da manhã, o almoço, o lanche das três, a minha mãe sempre fazia, fogaõzinho de lenha, bolinho, sabe? Tinha um fogaõzinho a gás, mas tinha um a lenha também.

P - Que bolinho?

R - Bolinho frito de polvilho, de farinha de trigo, fazia de fubá.

P - Todo dia?

R - Todo dia fazia um lanchinho pra nós, as três a gente fazia aquele lanchinho. Tinha arroz, punha arroz de molho, depois escorria, pisava no pilão, tirava a massa e fazia cuscuz de arroz e bolinho.

P - Ai que delícia!

R - Eu achava gostoso, tenho saudade!

P - No almoço o que ela fazia?

R - Era arroz, feijão, às vezes carne, às vezes verdura. Minha mãe sempre gostou de fazer o seu canteirinho no quintal, ela sempre fala assim: "Só não dá aquilo que não planta." A mandioca a gente sempre teve, plantava alface, cebolinha, o coentro, essas coisas de casa tudo ela plantava.

P - Vocês ajudavam a cuidar?

R - Ajudavam, molhava os canteiros, era puxada água no tari, não tinha água encanada não, era na cordinha e os meninos levantavam cedo para molhar as plantas dela na horta.

P - Ela mandavam eles te ajudar em casa? Porque cinco meninos e uma menina.

R - Não, não ajudava muito não, porque uma que estava cedo e minha mãe achava que era o melhor horário para a gente aprender mais, então me colocou cedo para estudar. Mas ajudava, lavava os pratos, só panela é que não lavava muito porque não era boa para ariar, gostava ela mesma de ariar, copo, colher, coisa de plástico, ela punha para lavar.

P - Os meninos trabalhavam junto com o seu pai?

R - Não, ninguém trabalhava, só em casa mesmo. Meu pai fazia de tudo para não deixar faltar nada, pelo menos o alimento para a gente ter o

que comer. Falava que nós podíamos até trabalhar, mas quando tivesse mais adulto.

P - Ele mandava vocês estudarem?

R - Mandava, cobrava da gente.

P - Isso era uma coisa importante?

R - Era.

P - O que eles queriam com isso?

R - A minha mãe falava assim, a minha mãe nunca falou que era para ser isso, médica ou qualquer outra coisa, professora, ser o que for. Só falava assim: "Estuda, minha filha, porque hoje em dia quem estuda tem tudo, quem não estuda não tem nada, o estudo é a coisa mais importante na vida do ser humano, quem estuda é importante, quem não estuda não tem importância nenhuma."

P - Eles estudaram?

R - Não, só o primário.

P - E você, estudou até quando?

R - Terminei o magistério.

P - Ah, você se formou professora. Isso onde?

R - Aqui, depois de casada.

P - Aí voltou do Maranhão...

R - Voltamos e ficamos aqui, morando, nós morávamos do outro lado, numa casinha lá embaixo, de aluguel.

P - O que você fazia aqui?

R - Dava aula de datilografia. Quando vim já dava aula de datilografia, dava de domingo e pagava porcentagem.

P - Por aluno?

R - Isso.

P - Dava para ganhar bem?

R - Dava porque estava aprendendo, exercitando.

P - Isso você já tinha se formado?

R - Já tinha curso de datilografia.

P - No magistério.

R - No magistério não. Parei um tempo de estudar mas porque quis mesmo. Comecei a sétima série umas três vezes até o meio do ano e desisti. A minha falava: "Volta, volta." Eu achava que não, depois que casei senti na pele, terminei, estava namorando com o Valmer que é meu esposo e terminei a oitava série. Depois vi a necessidade do estudo para arrumar emprego.

P - Aí você começou a namorar. Você voltou do Maranhão você tinha que idade?

(PAUSA)

R - Acho que estou ficando velha, não lembro nada mais.

P - Se você nasceu em 67, você só tem 30 anos.

R - Eu tenho 30, já fiz em março, tenho oito anos de casa.

P - Você voltou com 15, 16 anos.

R - Aí conheci o Valmer, já fazia uns três anos, namorei com outro rapaz, mas não deu certo, tinha ficado noiva e não deu certo. Depois comecei a namorar o Valmer, mais um ano, aí ficamos noivos. Com 21 para 22. Com 22, ganhei a Naéricles em janeiro e fiz 23 em março. Naéricles é de 90 e Júnior de 91, Júnior tem seis anos, estava com 24 anos quando ganhei Júnior.

P - A primeira como é que chama?

R - Naéricles.

P - Naéricles. E ela tem 7?

R - Tem 7, fez agora dia 30 de janeiro, Valmer Júnior tem seis, fez dia 14 de março, ganhei ele dia 14 e fiz 24 anos dia 23 de março, no mesmo mês.

P - Você casou e começou a fazer o quê?

R - Continuei dando aula de datilografia com a Dominga que foi uma mãe para mim. Ela dizia que era porcentagem mas tinha mês que partia metade e metade. Tinha quatro máquinas, era o dia inteiro.

P - Quem que vinha aprender? Quem eram os alunos?

R - Gente daqui mesmo, da Aliança.

P - Por que o pessoal queria tanto aprender datilografia?

R - Porque aqui o pessoal todo sempre quando entra no ginásio já coloca os filhos para aprender datilografia. Naquele tempo só tinha o Adailton, que até hoje continua e a dona Dominga. Dona Dominga fechou a escola de datilografia, teve problema com a família, depois que saiu de lá só ficou o Adailton e tem pela prefeitura também.

P - Daí você deu aula, decidiu voltar e fazer magistério?

R - Foi porque pensei, já que tenho filhos vou fazer magistério mesmo que não vá exercer a função de professora, mas vou ajudar os meus filhos como fazer, estava aprendendo para ensinar para eles. Agora estou até substituindo a minha professora, Prof. Eliane, entrou de licença maternidade e tinha três alunas que ela gostava e tinha certeza que dava para tomar conta das minhas salas. Ela veio março, à noite na escola.

P - Agora você dá aula à noite?

R - Estou dando só até julho, ela volta de novo, a Eliane.

P - O seu marido faz o quê?

R - Ele é frentista, trabalha num posto de gasolina, há quatro anos, desde 1992.

P - Quando você sai de noite quem fica com as crianças?

R - A Adriana, uma menina, ela estuda à tarde também, mora logo ali na frente.

P - Aí você chama?

R - Ela vem para cá, vem cedo, fica com os meninos para sair oito horas. Sai sete meia, oito horas, fica com os meus meninos de oito até onze e meia, meio dia. Quando chego aqui já deu almoço para os meninos, banho e estão arrumados para o colégio. Quinze para uma eles vão para o colégio, a Adriana sai também para o colégio.

P - Ela vai também?

R - Vai para o colégio e quando é a tarde, às vezes meu marido trabalha a noite, ela fica com os meninos, Adriana é como se fosse a filha mais velha. Conheci desde quando era menina, agora esses tempos ela está comigo porque a mãe dela, porque não tem pai.

P - Toinha, conta para mim, quando é que passou pela sua cabeça entrar nesse programa do agente comunitário?

R - Estudava magistério, aí veio aquela, esqueço o nome dela.

P - Sílvia.

R - Sílvia e outra que veio de fora, elas vieram aqui para implantar o programa. E elas foram ao colégio, nós conversamos, passaram uma fita

falando o que era, a vida do agente, mostrando o agente trabalhando, como era o trabalho. Passou no pátio do colégio, todo mundo assistindo e eu fiquei olhando. Falaram que as inscrições iam ser feitas na prefeitura de oito às onze e de duas às cinco da tarde durante toda a semana. Aí cheguei em casa, fiquei pensando e conversei com o meu esposo. Falei para ele e ele falou: “Você é quem sabe!” Falei para ele: “Sabe Valmer, a gente vê os problemas dos outros a gente não se interessa tanto. Já fiz tanta coisa errada por falta de orientação quando estava gestante, quando os meus filhos nasceram, nem sabia a importância da vacina.” Tudo que vi naquela fita que foi passada, o agente falando da importância para a comunidade, para as pessoas. Eu mesma, comigo, foi um fracasso por falta de orientação e informação que não tinha. Porque quando estava gestante não tinham pessoas que visitavam as famílias para levar orientação, uma palavra amiga e falar da importância do pré-natal, achava que tinha que ir ao médico o mês que quisesse. Achei que não tinha muita importância e até que sofri muito para ganhar meus meninos. Senti na pele. Falei: “Ah, vejo tantas mãe aí, acho, sempre gostei de ajudar quando tem uma festinha na comunidade, gosto de participar. Aí falei: “Por que não?” Posso contribuir com as famílias, ajudar e também quando vou fazer uma coisa quase de graça por que não fazer ganhando, para me ajudar? Posso ganhar um pouco mais, ajudar em casa e fazer um serviço que a gente gosta porque está conversando com as pessoas. Tem dias que a gente sai assim triste e volta alegre, chegamos na casa, vemos as pessoas com problemas e vemos que o problema é maior do que o da gente. A gente volta alegre para casa, dá uma palavra amiga, conversa com a pessoa, troca experiência. Então pensei assim: “Por que não?”. Vou fazer. Fiz a inscrição e fiquei esperando a entrevista, a prova.

P - Daí você passou, não é?

R - Eu achava que nem ia passar porque tinha tanta gente.

P - O que ela perguntou?

R - Perguntaram quanto tempo eu morava aqui, perguntaram também se era casada, como ia fazer para mim trabalhar com meus filhos, quem ia cuidar dos meus filhos. Perguntaram para mim, caso na minha comunidade tivesse alguém com uma doença contagiosa e todo mundo se afastasse daquela pessoa o que ia fazer se chegasse e soubesse que aquela pessoa tinha uma doença bem contagiosa? Respondi assim para ela: “Olha, primeiro ia me informar se aquela pessoa estava sendo medicada, estava tendo consulta, acompanhamento médico. Primeiro ia me informar dela sobre isso senão ia orientar essa pessoa para que chegasse a um posto de saúde, a um hospital, isso nós temos na cidade e acompanhar de perto o tratamento, conversar com a Dra. Raquel, ela abre esse espaço para a gente, qualquer coisa na comunidade que tem um problema, hanseníase, chama a gente para acompanhar aquele paciente de perto se está tomando o medicamento porque tem o dia certinho para ir no posto tomar o medicamento.” Falei assim: “Já que ia acompanhar as pessoas.” Porque sempre via as enfermeiras que falavam que as pessoas acomodavam muito, quando tinham doença não iam. Tive caso de vizinho meu ter problema de doença e todo mundo se afastava.

P - Teve um caso assim?

R - Teve um caso de vizinho ter problema e as pessoas se afastaram?

P - O que ele tinha?

R - Hanseníase.

P - Tem muito hanseníase aqui?

R - Na minha área estava tendo dois casos: uma teve alta e o outro é um rapaz de 16 anos também recebeu alta, fez o tratamento e teve alta. Esse mesmo veio de Gurupi. Todos dois foram mudados e fiquei só acompanhando.

P - Você passou e começou a trabalhar?

R - Primeiro com o cadastro.

P - No seu primeiro dia de trabalho como que foi, o que aconteceu? Você se lembra?

R - Lembro. Primeira casa que cheguei, as pessoas já me conheciam, cheguei lá e tem um monte de perguntas que faz, quantas pessoas que moram na casa, nome dos pais. As pessoas perguntavam para quê era aquilo. Aí fui explicar, primeiro me identificava como agente: “Olha, sou agente comunitário de saúde.” “Ah! Antônio, foi você que passou?” “Foi eu mesma.” Todo mundo sabia. “Ah! Foi você que passou?” “Foi eu mesma. Pois é, sou agente comunitário de saúde agora e vou trabalhar junto à comunidade, vamos trabalhar junto, não só eu, vai ser um trabalho em conjunto, um vai ajudar o outro, ser uma troca de experiência a gente vai se dar muito bem, vamos fazer reunião, quero que vocês participam.” Mostrando o que era o trabalho da gente. “Nós somos apenas um elo entre as famílias e o posto de saúde, o meu trabalho é preventivo, é prevenir, orientar vocês, passar informação e prevenir doenças que podemos evitar.”

P - E o pessoal entendia?

R - As pessoas entendiam.

P - Aí no primeiro dia qual foi a primeira casa que você foi? Como é que foi?

R - A primeira casa que fui era lá na Avenida Central, comecei lá e fui descendo rua por rua, na Dona Amélia.

P - Eles falaram tudo que você devia perguntar? Como que foi?

R - Não, porque deram a ficha para a gente com todas as perguntas. Cheguei lá, primeiro coloca o endereço, aí tem o nome do chefe da família, quem mora na casa, os filhos mais velhos, os que estão na escola, se estão estudando, aproveitava e olhava o cartão de vacina se estava em dia. Porque a gente teve treinamento de uma semana e Maria José passou tudo para a gente, falou: “Olha, vocês fazem o cadastro, já aproveitam e pedem o cartão de vacina para dar uma olhada, ver se está atrasado, encaminha para o posto, se tiver alguém doente encaminha para o postinho, para o hospital.” No meu primeiro dia não encontrei casos de encaminhamento, só cartão de vacina atrasado, o pessoal não vacinava as crianças, pouquíssimos, quase todos eram atrasados. Hoje em dia, graças a Deus.

P - E vocês falavam assim: “Vai vacinar”? O que vocês contavam?

R - Não. Falava, por exemplo, Dona Amélia, me mostrou o cartão da netinha dela. Falei: “Dona Amélia, o cartão da Raísa está atrasado as vacinas.” “Ah! Toinha, quando puder levo.” “Não é quando puder, a senhora tem que levar agora.” Ela falava para mim: “Mas tem crianças que vacinam e dá sarampo.” Eu falei: “Pode até dar, mas se a sua criança está vacinada, se chegar no posto de saúde ou no hospital, o médico sabe qual o medicamento vai dar porque sabe que já foi vacinada, se der vai dar mais fraca, não como quem nunca foi vacinada.” Aí ela concordou.

P - Teve alguém que falou: “Sai daqui, não quero nada.”?

R - Não de recusar, não recusava, mas tinha aquela má vontade de responder a idade, ninguém gosta de dizer a idade. O nome completo tudo bem, a idade: “Para quê você quer saber a idade? O que você vai fazer com a minha idade.” As perguntas eram assim, perguntavam, mas depois explicava que isso era um cadastramento para pegar os nomes, as idades eram porque tinham pessoas idosas e fazia uma relação de idosos, fazia a relação de quem não era idoso. “Não porque preciso saber o número da população daqui da minha área, que é área 2, porque trabalhava na área 2, o número de idosos.” Eles pegavam e passavam os dados.

P - E gestantes, começou a trabalhar quando?

R - No cadastramento já pede se é gestante ou não.

P - Quando você passou o cadastramento? Quanto tempo demorou o cadastramento?

R - Um mês.

P - Você passou um mês andando pelas casas...

R - Um mês porque as pessoas não encontravam, às vezes chegava nas casas, só tinham os meninos e não tem como conversar com crianças, não se encontrava o pai nem a mãe, nenhum adulto.

P - Aí você tinha que voltar?

R - Tinha que voltar, tem vezes que ia no sábado, a mãe às vezes trabalhava o dia todo, às vezes trabalhava no porto porque o porto emprega a maior parte da população.

P - Fazendo o quê?

R - Na cozinha, cozinheira, lanchonete, churrascaria.

P - Nossa! Então emprega tanta gente assim?

R - Muito trabalho, trabalho na churrascaria.

P - Aí você ia...

R - Voltava, ia ao porto mesmo atrás, às vezes deixava um bilhete: “Entrega para a mamãe quando chegar.” No outro dia passava e às vezes deixava tudo anotado, deixava com os meninos, um rapazinho.

P - Depois de um mês que terminou o cadastramento o que começou a fazer?

R - Comecei a fazer as visitas. Não, a primeira coisa que fiz foi a reunião para me identificar melhor e conhecer a comunidade que ia trabalhar.

P - Aí você chamou o pessoal?

R - Chamei, convidei, mas não foi quase ninguém. Oh! Meu Deus!

P - Como você chamou? Você foi de casa em casa?

R - De casa em casa convidando, convidei umas 40 famílias e foram 15. Queria que fosse todo mundo de uma vez, mas a irmã falou para mim: “Não, Antônia, para você foi vantagem já conseguiu 15 de uma única vez.” Aí convidei no outro mês a outra parte que faltava.

P - Você ia e convidava para quê?

R - Para a gente reunir, bater um papo, se conhecer melhor, sentar junto, cada um sentou em cada banco do pé de manga e as 15 mães, cada uma falava seu nome, o que fazia, perguntei para elas o que estavam achando da saúde normalmente. Elas foram falar sobre a saúde, o que estavam achando, colocar o mundo assim, o que deveria ser feito para melhorar.

P - O que elas diziam?

R - Muitas delas cobravam um posto de saúde do lado de cá. Elas falavam: “Ah Antônia, com um agente de saúde aqui é mais fácil a gente ter força.” Aliás é até um projeto para vir para cá, um posto de saúde. Desde o começo, na primeira reunião, já falaram: “Com um agente de saúde aqui tenho certeza que vai ter um posto de saúde do lado de cá. Um posto de saúde aqui vai ser muito bom porque a gente não precisa estar descendo lá.” O que alegam é o seguinte: tem mãe que tem cinco crianças, imagina você sair daqui oito, nove horas, no sol quente para ir embaixo vacinar todas. Sempre falavam assim: “Vai ser melhor, o posto de saúde vai vir aqui para cima para vacinar as crianças.” Para poder as palestras da Raquel porque quando vai fazer o exame de prevenção dá palestra antes, faz nas casas, quando quer reunir. Avisa-me o dia e vou reunir o pessoal. É isso aí, bate papo, depois fizemos pipoca, tomamos suco, é isso que fizemos para conhecer melhor, unir as famílias.

P - Depois dessa reunião você começou a fazer?

R - Foi aquele sucesso, a outra falei sobre vacinação e foi feita na casa da Dona Elvira, foram 16 mães, todas com crianças, convidei 20 e foram 16.

P - Nossa! Foi um sucesso!

R - A irmã tem a relação, sempre passo uma relação para as mães assinarem a folha. O tema foi vacinação por que: “Olha, irmã, o jeito de a gente reunir e falar uma vez só, falar para todas.” Falar sobre a importância da vacina, a gente fez um gráfico bem grande colocando o caminho da vida, falamos da desnutrição, aproveitamos falamos tudo da educação da criança, a criança tem um caminho na vida por isso ela precisa vacinar, tem direito da criança a vacina. A criança vacinada fica mais imunizada contra as doenças.

P - As mães não gostam de levar para tomar vacina por quê?

R - Não, antigamente, são poucas agora que não levam porque fica com dó de dar uma furadinha no filho. Sempre falo para elas assim: “Aquele choro da vacina é um choro para a vida, imagina se ele não vacinar, a senhora vai chorar, Deus me livre se ele chegar a morrer, vai ser um choro para a morte.”

P - Tem muita morte de criança por aqui?

R - Não, na minha área não, só duas crianças, graças a Deus.

P - E em Aliança tem?

R - Já morreu criança.

P - Em geral de quê?

R - Não, elas nascem e morrem, assim que nascem morrem, já nascem com problemas.

P - Mas assim de infecção, de diarreia?

R - Não, de diarreia não, até baixou o índice de diarreia o ano passado, porque nós incentivamos, tanto que damos o soro, ensinamos a preparar o soro caseiro como o soro do posto de saúde, o pessoal pega muito. Aumentou muito, depois do nosso trabalho aumentou muito a procura do soro, sempre que a criança adoce a mãe corre no posto de saúde para pegar o soro.

P - Aí você me contou que mudou de pessoal novo que é muito mais difícil.

R - Tem uns que mudaram tem três, quatro meses que mudaram para minha área.

P - É uma nova região e ficou na sua área?

R - Ficou na minha área.

P - Esse pessoal veio de onde?

R - Veio da fazenda chamada Vila da Paz, que o pessoal fala. É um setor muito carente que já tinha antes, as pessoas não tem, não são muito informados, também são pessoas que se afastam muito, se desligam do centro e não veem. Da Vila da Paz, vieram muito das fazendas, bastante, mas os que dão mais trabalho são os da fazenda.

P - Os que vieram da fazenda, do interior dão mais trabalho? Por quê? O que acontece?

R - Porque lá eles são criados sem informação nenhuma. Como é o seu nome?

P - Karen.

R - Karen, eles não tem informação nenhuma, não sabem a importância de vacina, não sabem a importância de pré-natal. Parecem pessoas que ficaram muito tempo isoladas, muito tempo fora do mundo. Realmente pensava que não existiam pessoas assim.

P - São muito diferentes?

R - Muito diferente, a realidade deles é diferente, porque estão acostumados na fazenda, quando chegam na cidade não tem frequência, não procuram se informar, não assistem televisão.

P - As mulheres não fazem pré-natal?

R - Estão fazendo agora.

P - Por sua causa?

R - Porque quando não vão eu vou até lá, toda quarta-feira vou, marco a consulta, vou para a casa delas e falo que marquei.

P - Você é que marca consulta?

R - Marca para ir, pego no pé, senão não vai e depois tem o caso, Deus me livre, de adoecer, a criança morrer, me sinto responsável. Toda quarta-feira cedo vou com a Ioná, a recepcionista, marco que tenho uma relação com o nome de cada uma, vou lá e marco a consulta. "Tem quantas vagas para gestante?" "Quatro ou cinco". "Então marque três." E aí vou atrás das três.

P - Você carrega elas?

R - Carrego, levo e elas vão.

P - Você as põe andando?

R - Não, vou à casa delas e falo. Falei para Ana: "Olha Ana, marquei a consulta é a uma hora no postinho, vou te esperar lá." Passo na casa da outra e falo a mesma coisa.

P - Aí elas vão?

R - Vão.

P - Aí obedecem? Com as crianças o que você sente que mudou? Mudou alguma coisa depois que começou a trabalhar?

R - Olha, a creche, as crianças a maioria eu passo e pergunto se está indo na creche porque não tem o que comer em casa.

P - Nessas casas não tem o que comer?

R - A maioria não tem, as crianças só almoçam, cedo não tem um leite, um suco, elas não tem nem uma farinha para comer. Você chega a casa, às vezes, chega oito horas na casa e a criança está chorando de fome. Dói por dentro ver isso, estou pegando no pé para a mãe levar para a creche, porque na creche tem o café da manhã e o almoço para as crianças. Seis meses faz sopinha, a mãe que amamenta vai comer na creche, tem criança de seis meses, quatro meses, você vê que tem de se alimentar bem, porque vai para a creche. Pego no pé.

P - Tem muita mãe que amamenta?

R - Não, estou só com sete crianças, só tem cinco que estão amamentando no peito, duas tem aleitamento misto, mama e sopinha.

P - Mas em geral as mães gostam de amamentar ou não?

R - Olha, às vezes gostam sim, mas às vezes o leite seca por causa delas não se alimentarem bem por não terem condições.

P - O que elas comem?

R - Se te falar que tem vezes que comem arroz puro, tem casa que chega e é arroz puro com molho de cebola e pimenta. A maioria daquelas casas.

P - Na hora do almoço?

R - Na hora do almoço, às vezes vou na hora do almoço e vejo.

P - No jantar nada?

R - No jantar é a mesma coisa, passam a semana inteira comendo arroz, feijão, às vezes só arroz branco. Eles comem com a boca tão cheia, parece ser tão gostoso que se você for comer, você que tem costume de comer todo tipo de comida, você olha e fala: "Não desce." Eles comem tão gostoso, colocam na boca com a boca cheia.

P - Eles não criam, por exemplo, galinha para comer ovo. Vi uma árvore cheia de mamão. Como que é?

R - É assim, aquelas casas foram feitas muito juntas das outras, então são dois quintais tudo grudado e dentro está aberto, se um criar galinha o outro não cria, a galinha vai para a casa do outro. Uma dona acabou com as galinhas porque ia para o quintal do outro. Às vezes planta porque a terra é muito fraca para plantar mandioca. Dona Antônia já plantou no ano que teve chuva, plantou, só que ficou muito (inaudível), não cresceu e não deu raiz, acho que a terra é muito fraca.

P - Então não dá para plantar?

R - Pelo menos nós estamos fazendo, eu estou falando com o pessoal para eles pegarem aqueles lotes vagos e conversamos com o secretário de saúde, pegar esses lotes vagos e reunir dois pais de família que tenha, sei que plantou feijão, milho, seu Manoel plantou esse daqui com feijão, deu bastante feijão.

P - Aí melhora?

R - Eles não estão plantando lá, mas nos lotes vagos as pessoas.

P - A maior parte?

R - Não, uma minoria.

P - Porque o pessoal fala "vamos lá" fica, o que acontece?

R - Não, falo assim: "Gente, tem muito lote vazio, já conversei na prefeitura, vocês podem plantar, o prefeito disse que dá vara para arar a terra." Aí um fala: "Ah! Vai ter que comprar semente." Vai e plantam. No ano passado mesmo houve uma seca, uma sequidão, foi seco demais, plantaram, perderam e desanimaram. Agora está com o projeto para a gente fazer a horta comunitária.

P - Você como agente?

R - Não, nós vamos fazer aqui uma horta comunitária, já mandei sondar os tais que querem trabalhar na horta, as pessoas que querem participar. Esse projeto foi do ano passado e vamos fazer agora, estamos sondando a área para construir. Vou assim, na casa, falo como é a horta comunitária e as pessoas se interessam, dão os nomes que vou passar para eles. As pessoas vão trabalhar e em troca vão receber as verduras, a alface, cenoura, beterraba porque aqui dá, a couve.

P - Mas o pessoal come isso?

R - Come.

P - E fruta, vi lá e fiquei impressionada com o mamão.

R - Mas o que dá aqui é mamão.

P - Mas o pessoal come?

R - Come com arroz, eles gostam. Você já comeu mamão com arroz? Aqui eles comem, não como muito nem banana, não gosto de misturar fruta com comida, mas o pessoal gosta.

P - Lá você tem que outros problemas? No seu trabalho você tem uma área aqui e uma área lá?

R - Isso, Jardim Aliança e Parque União. O problema mais sério que estou enfrentando mesmo, queria, até conversei com o Elimar, arrumar cesta

para as crianças que não estão no programa do leite, já que tem criança de um ano, assim, a falta do alimento é a coisa mais séria. Porque você vê a pessoa quando não alimenta, não tem ânimo para nada, o alimento é essencial, principalmente na vida da criança que está em formação. O problema que estou enfrentando maior é esse, a gente chega e a gente vê a fome. A fome, a pessoa quando está com fome não tem ânimo para arrumar a casa. Mas acho que isso não é a realidade só de Aliança, mas de muitos municípios carentes.

P - E o Elimar é o prefeito?

R - O secretário.

P - Secretário da Saúde?

R - É, o Elimar é assim, está sempre ajudando, nós fizemos doação de filtro para a comunidade, porque aquela senhora mesmo não tem. Todas as famílias que tem criança e não estava tomando água filtrada, passei para o secretário de saúde e o ano passado foram feitas doações, filtros novinhos. Fez a primeira etapa em setembro e a terceira etapa. Na minha área toda foi, as que não tinham receberam.

P - Quer dizer, o problema maior é o seguinte: é nessa área e é de fome.

R - É, falta de comida.

P - Mas você também falou que tem um barco.

R - Ali não.

P - Esse problema que você me falou que tem de prostituição?

R - Ah sim! Esse pessoal que vem de fora com 14, 13 até 16 anos.

P - Veio muitas menina de fora?

R - Essas meninas que vieram da fazenda, não tinham, não eram pessoas informadas, chegou aqui e arrumou namorado, veio crescer o problema por quê? Porque ficaram gestantes e não estão preparadas para ser mãe, também esse é um problema.

P - E essa menina que você estava contando, conta a história dela. Como ela chama?

R - Ela chama ____.

P - E ela tinha quantos anos?

R - Ela tem 14 anos.

P - E aí o que aconteceu?

R - Ela pegou gravidez e uma doença. Aí não quer ninguém perto, não quer se abrir, falar para ninguém. Ela fica muito mal, acompanhei ela,, vi com dor no pé da barriga, sentia muita dor, reclamava de dor na barriga, achei normal como ela era gestante ter dor no pé da barriga com a Dra. Raquel. A Dra. Raquel descobriu, chegou para mim e perguntou quem era a agente de saúde e falou, me mandou chamar e acompanhei ela. A Dra. Raquel encaminhou para um médico especialista em Gurupi, ela não tinha como ir, não tinha transporte, conversei com o secretário e ele arrumou um transporte para ela. Chegou lá e para cortar tinha que comprar o remédio, a mãe dela trabalha de gari e eles são muitos, não tem pai, só mãe. A mãe começou a trabalhar, arrumou serviço e a mãe dela chegava para mim: "Por favor, me ajuda, a minha filha vai morrer." Ela falou para mim, eu falei: "Não vai, Dona Lídia." Aí fui no Elimar e a prefeitura comprou, o Elimar passou o cheque para comprar o remédio porque lá em Gurupi só faz com remédio para (inaudível). Ela está no último curativo que ela fez, e já está andando normal, andava de perna aberta e hoje está andando normal. A Dra. Raquel está acompanhando ela e eu também.

P - Você vai todo dia?

R - Na semana passada estava indo todo dia, Elimar exigiu que fosse acompanhá-la todo dia na Santa Casa de Gurupi. A Dra. Raquel ficou tão comovida, e Elimar disse: "Antônia você vai lá todo dia nem que você atrase um pouquinho o seu serviço." Porque ela tem 14 anos, é uma criança, não está preparada, pegou uma doença e ficou calada, quando veio a descobrir não podia quase nada, muita dor na barriga.

P - E a criança tem pai?

R - Ela nunca me falou.

P - Ninguém sabe quem é o pai.

R - Sinto que ela não gosta de tocar no assunto.

P - Mas ela te conta mais alguma coisa?

R - Não, ela conta assim, pelo que me conta não tinha um parceiro fixo, estranhei, nem sei se ela sabe quem realmente é o pai. Tem hora que ela fala que namorava com um, tem hora que ela fala que namorava com outro. Só que agora realmente ela está boa, graças a Deus.

P - E ela vai ter o nenê?

R - Vai. Daqui a dois meses.

P - E esse pessoal é o pessoal que vem da fazenda?

R - É.

P - Qual é a outra que você me contou do Pará?

R - A Maria do Socorro, mas já é mãe do terceiro filho.

P - Essa não é garota?

R - Não. Ela tem 37 anos, mas é mãe solteira, tem três filhos e nunca casou.

P - Nem tem pai?

R - Cada um tem um pai.

P - Mas os pais aparecem?

R - Só para fazer mesmo. Passei um dia para fazer visita e ela estava com 15 dias que tinha chegado. Porque é assim, passo uma vez por mês na casa, quando tem necessidade volto mais de uma vez porque estou acompanhando aproximadamente 180 famílias. Tem casa que passo uma vez quando vejo que a pessoa é bem informada, não tem necessidade de estar todo dia, é tudo limpinho, higiênico. As casas têm mais necessidades volto, uma ou duas vezes quando vejo alguma coisa errada e vou falando com jeitinho. Encontrei a Maria do Socorro, passei para visitar a Dona Amélia e a Dona Amélia falou: "Olha, Antônia, tem 15 dias que chegou uma gestante." Cheguei lá fiz a ficha dela de gestante, perguntou se estava grávida e aí falei que era para ela, então faz assim: "Toda quarta-feira a Dra. Raquel atende só gestante no consultório dela, a tarde é só da gestante, você vai lá e pega uma ficha." Quando chegou quarta-feira deu vontade de ir lá umas dez horas. "Socorro, e aí você foi?" "Não, Tônia, engraçado o meu nome não estava na agenda. Não quis te falar, mas de repente, desde aquele dia, não quis te falar que não está mexendo, de jeito nenhum." Fiquei preocupada, fui lá com a Ioná e falei: "Ioná me marque que você tem consulta para Maria do Socorro." Aí voltei, falei para ela que tinha marcado uma hora que ela fosse e eu esperava ela lá. Falo para esperar lá que é para ir mesmo.

P - Chega lá e você não está.

R - Às vezes eu vou, passo lá e falo: "Ioná, quando elas chegaram você diga que esperei aqui e tive que sair para visitar a área." Aí a Ioná fala. Porque senão elas não vão. Ela foi, quando chegou na Dra. Raquel colocou o aparelho na barriga dela e achou que não estava normal e pediu a ultrassonografia mais rápida possível. Não tinha condição porque não tem marido, mora com a mãe com aquele monte de menino. Aí fomos para o Elinar, o secretário de saúde.

P - Tudo cai lá.

R - Tudo Elinar. Um dia o Elinar falou para mim: "Antônia, a tua área parece que a área que tem mais problema, todo dia está aqui na porta da prefeitura." Falei que não, a Dra. Raquel vai com o Elinar, a esposa dele mesmo que manda. Fui falar com o Elinar.

P - Essa Dra. Raquel é doutora mesmo?

R - É doutora formada, é ótima e atende o posto de saúde. A Dra. Raquel foi lá com o Elinar, o Elinar bateu, virou e arrumou a ultrassonografia para ela, arrumou transporte, tudo, ela foi para Gurupi. Quando chegou lá e foi fazer a ultrassonografia porque eles não falam, não podem falar com o paciente, só com o médico responsável, mas como ela fez na quarta-feira que é dia de gestante, na quinta conversando com o Elinar, ele arrumou lá e na sexta ela foi. Quando fez a ultrassonografia o nenê dela não estava mais vivo, estava morto lá dentro. E engraçado depois que ela tirou o nenê falou para mim que tinha sentido frio, febre na noite. Ela pegou e falaram para ela, veio de Gurupi sabendo e não quis ir lá em Gurupi para tirar, tinha que vir em casa pegar umas coisas e no outro dia ela voltava. Não ficava em Gurupi porque não tinha parente lá. Quando chegou aqui, foi e conversou com o vereador e o vereador levou ela para Porto porque ela tem parente em Porto, tem irmã. Em Porto foi atendida, logo teve o nenê e lá eles deram remédio para ela, tomou soro, teve o nenê normal, o nenê dela saiu normal.

P - Morto?

R - Morto já, mas teve de sete meses, deram remédio para ela, provocou e teve o nenê, estava morto já. Quando veio, trouxe, a ambulância trouxe para cá, trouxe aqui, morto e enterrou. Ela sempre fala que se não tivesse ido lá pegar ficha, ido na casa dela e dizer para ela: “Você vai que vou te esperar,” ela e o irmão falam talvez ela tivesse perdido a vida. Ela fala para mim: “Tônia, tenho que dar graças a Deus por você, porque se você não tivesse feito aquilo, não tivesse pegado ficha para mim, não tinha ido naquele dia, não porque estava tão mole, tão mole, que sentia o corpo todo amolecido.” Pelo menos me senti muito feliz, sei que não posso ajudar a todos, mas uma coisa dessas para mim já é vantagem, ajudar uma pessoa, duas, três, uma aqui outra ali porque nem Deus agradou a todos. A gente não pode ajudar a todos, gostaria de ajudar a todos, mas para mim já é um satisfação. Senti resultados já do meu trabalho, senti que o meu esforço, a minha vontade, fez com que livrasse ela da morte, da febre, da infecção se tivesse morrido, ela sempre fala isso para mim. Essas coisas nos deixam muito feliz, dá ânimo para lutar, continuar trabalhando.

P - Você sente que cada vez mais o seu trabalho está dando mais resultado?

R - Tem dias que a gente volta para casa e sente quando a pessoa te pede alguma coisa e fala: “Tônia, estou precisando disso. Não consegui isso, estou com a receita aqui a mais de mês e não tenho dinheiro para comprar remédio.” Você para, pensa e fica assim. Sabe, você volta arrasada para casa por saber que a pessoa está precisando, está doente e você não consegue, mas tem dias que você sai e consegue ajudar o teu próximo, você se sente realizada no trabalho. Tem dias iguais, o que acontece com a Socorro, naquele dia fiquei feliz por ter ajudado, mas sei que a vida é assim, um dia a gente se sente feliz, sei que não podemos ajudar a todos, na medida do possível a gente vai ajudando. Porque o nosso trabalho tem um ano e seis meses, o primeiro ano estávamos engatinhando, se aprimorando, querendo ajudar as pessoas. Agora já estamos no segundo ano, vamos fazer reunião, nós estamos trabalhando com a comunidade para fazer uma multi mistura.

P - Me conta isso da multi mistura.

R - A multi mistura, reunimos as mães, pedimos a elas para juntar casca de ovo, a semente de abóbora, que elas comem abóbora pegam a semente e guardam, a folha da mandioca, pede para elas tirar, secar na sombra e tem que colher essas folhas antes dos raios do sol, da manhã, tem que colher cedo, colher cedo, guarda as cascas do ovo.

P - Mas essa mandioca é plantada onde?

R - Mandioca mansa, não, elas arrumam, a gente pede para a comunidade e elas arrumam.

P - Ela vai e catam por aí?

R - Elas pedem tem pessoas que tem o pé, deixa e pega as folhas. A gente coloca, a gente seca, a casca de ovo, juntamos uma bacia, junta dez mães, cada uma leva um pouquinho de coisa, um leva um "buiinho". O "buiinho" eles dão de graça, na igreja batista, dão de graça para as mães, é só ir buscar. O "buiinho" da pedra, não é aquele "buiinho" grosso que dá para animal, para boi, aquele "buiinho" que fica na pedra, aquele que fica guardado lá em cima, não entra sujeira nenhuma, é o mais rico em vitamina, é o "buiinho" da pedra. A gente pega o "buiinho", o fubá de milho pegamos no supermercado, se a comunidade não tem, eu peço, mando pedir. Peço no Bento, no Banjo, no Bento Carilho, e eles dão, meio pacotinho, 500 gramas, às vezes a gente pede, o outro dá um pouco, na comunidade mesmo, quem tem ajuda quem não tem, passo nas casas - tem muitas casas - a diretora do colégio, a Leninha, gosta muito de ajudar, a Berta também gosta muito de ajudar as pessoas. As pessoas que vemos tem mais recursos, então, vamos, falamos que vamos fazer reunião com as mães para aumentar o peso das crianças e estamos precisando de fubá, às vezes ela tem em casa, às vezes compra de fardo, dá um pacote, dá dois. A gente reúne aqui e ali, pega um pouquinho, reúne e faz a multi mistura.

P - Aí é só distribuir?

R - As mães que preparam, nós vamos ensinar, a gente só vai lá para ensinar. Reunimos numa casa de preferência que tenha fogão de lenha, torraramos o fubá, a farinha de trigo também, torra o "buiinho" e vai colocando em vasilhas separadas. A gente usa o moinho mesmo porque não temos esse negócio, é no moinho mesmo, no pilão. Pisa as folhas, às vezes levo o liquidificador, bate, tritura bem triturado, passa na peneira, soca no pilão fica aquele pozinho fininho, a casca do ovo a gente esteriliza ela cinco minutos, bota para ferver, quando ferve cinco minutos desliga, tira aquela película dela de dentro todinha, deixa bem limpinho. Aí seco na panela, esfarelo ela bem quebradinha com a colher de pá na panela de pedra, você secando ela bem sequinho, aí passo no moinho, torro, aí passo num paninho bem limpinho fininho aí vira só aquele pozinho, bem branquinho.

P - E as mães ficam vendo?

R - As mães vão fazendo o processo junto com a gente, põe na mesa todas aquelas bacias, a multi mistura a gente mistura tudo aquilo. O ovo contém muito cálcio, a folha de mandioca tem ferro, combate a anemia e o fubá de milho também é muito rico em vitamina, tem o farelo "buiinho" do arroz que chama farelo, o fubá de trigo e a semente da abóbora que combate verme, a gente torra também ela e mói, só tira aquele pelinha. A gente mistura tudinho, cada mãe leva a sua vasilha, quem tem um filho leva menos, tem dois leva mais, aí dá três meses.

P - Joga na comida?

R - A gente coloca, a gente pode engrossar sopa com aquela mistura, pode fazer o mingau para criança, colocar quando está abafando o arroz, quando o arroz está secando, coloca a multi mistura, mexe, abafa e acaba de secar o arroz. Porque o arroz é só massa porque limpam o arroz na máquina e toda a vitamina fica lá no buinho, fica limpinho lá, só a massa não tem nada de vitamina. Então a gente vai repor essa vitamina no arroz,

colocar multi mistura no arroz, para dar às crianças, senão vai comer só massa, por isso é que não vai para frente.

P - Isso aumentou o peso?

R - Aumentou, aumenta assim, a Luziânia todo mês aumenta um pouquinho, a Luziânia toma muita mistura. A Luziânia quando chegou da fazenda era tão desnutrida, os ossinhos estavam de fora, a Luziânia você vê, não é uma menina para a idade dela mas já está tampadinha, não está ossudona, ela está tampando aos pouquinhos, a Dona Daniela participa direto.

P - A mãe dela participa?

R - Ela leva, sempre leva a multi mistura, dá para três meses, mando colocar o cabinho da colher para quem tem dois anos porque fica muito forte, porque vai casca de ovo e a folha de mandioca fica forte. Falo para elas colocar uma pitadinha no mingau das crianças e o caldo do feijão, para engrossar o caldo do feijão um pouquinho, colocar uma colher de sopa se for muito para cinco, seis filhos. No arroz se for muito arroz coloca uma colher, mas as mães já aprenderam, já sabem

P - Você que ensinou?

R - A gente aprendeu no treinamento que fizemos, o pessoal veio aqui e ficou um dia todinho só ensinando como era feito a multi mistura, como usar a multi mistura, isso faz parte do treinamento.

P - E você ganhou essa bicicleta quando?

R - Nós ganhamos quando fomos a Palmas em maio, em julho, porque o Elimar foi buscar, maio, junho, julho, passou um mês no outro que ele foi buscar.

P - Essa bicicleta, antes de usar a bicicleta você fazia como?

R - Ah! Eu andava na minha, quando não ia na minha, andava a pé só que a bicicleta faz com que trabalho da gente renda muito mais, porque se você sai a pé você anda menos. Às vezes você chega numa casa tem uma criança com diarreia ou tem um idoso com diarreia e quer o soro, para você descer no posto de saúde à pé imagina!

P - É você que vai pegar o soro?

R - Às vezes quando não tem ninguém da família para ir, que chego em casa tem dois idosos ou tem a mãe e a criança só, não tem nenhum irmãozinho, eu vou pegar o soro.

P - Você tinha que ir à pé lá?

R - Tinha que ir a pé, agora não vou de bicicleta, vou rápido.

P - Quando você ganhou a bicicleta o que mais você ganhou?

R - Ganhei a mochila, uma fita métrica, peso criança e vejo o crescimento.

P - Que mais?

R - Ganhei um termômetro.

P - Mais alguma coisa?

R - Ganhamos a mochila, o termômetro, a fita, a bicicleta, o jaleco nós também ganhamos e ganhamos um aparelhinho, esqueço o nome, só que a gente não usa ela, está com a irmã, devolveu para a irmã porque não estamos usando. Porque nós não somos, nós somos prestadores de serviços, não somos uma pessoa formada então eu mesmo não sabia como usar, também não tem necessidade porque para usar aquilo tem que ser no caso de chegar na pessoa, estar, um caso bem grave, então já está num caso grave quando adocece, eu já ponho logo no posto de saúde porque a médica e a enfermeira são profissionais formados, eles entendem, ela já encaminha para o hospital. O termômetro não, já coloco, vejo se está com febre.

P - O que você usava? Você não tinha termômetro antes?

R - Pegava na criança, pegava aqui, quando a criança está com febre, aqui nele fica assim, na criança, eu já falava para a mãe levar para o médico, levar no postinho de saúde.

P - Já tinha acompanhado?

R - Acompanho, vou lá, falo com a Ioná, caso grave de ficar com febre, diarreia, vômito chega lá e atende.

P - Eles atendem na hora?

R - O agente de saúde preenche um formulário.

P - Você estava me contando o que coloca na mochila.

R - Eu coloco cartão de vacina, a fita, o termômetro, a balança porque antes sem essa mochila era tanta sacola que não aguentava mais!

P - Como você fazia antes?

R - Aqui do lado carregava a balança, aqui carrega uma pasta com um monte de cartão e quando levava hipoclorito, levar o soro, porque ela tem um bolsinho dentro, a sombrinha coloco ali, tinha que carregar um coisa aqui, outra aqui, nos braços, eu falava: "Meu Deus do Céu"! Tinha dia que para carregar aquilo tudo doía os braços de tanto carregar tanto peso e a mochila não, eu coloco nas costas e já coloco tudo dentro, coloco o livro, aquele livro "Onde não há médicos", que fala muito sobre higiene. Às vezes quando vou numa casa que tem quatro, cinco mães assim sentadas, que às vezes gostam de sentar e ficar conversando, papeando. Chego lá com o livro a gente começa a ler, falar sobre higiene, vou ler junto com elas, levo o livro também lá dentro. Cabe os meus livros, os cartões de vacina, a balança, o saquinho, a fita, o termômetro, lápis, borracha, caneta, cabe tudo dentro da mochila.

P - Então melhorou bem?

R - "Xi"! Como!

P - Desse material todo que você recebeu o que te ajudou mais?

R - A mochila e a bicicleta.

P - Porque balança você tinha e aquela coisa que segura a criança, você tinha também?

R - Tinha. Nós ganhamos tudo junto.

P - Essas mães quando você senta para ler com elas, elas sabem ler?

R - Não, só algumas, umas sabem ler, até pegam o livro e lê alguns parágrafos e gostam.

P - Em geral as mulheres não trabalham no campo?

R - Só em casa.

P - São poucas as mulheres que trabalham?

R - Tem algumas que nem em casa, ficam à toa. A maioria o pessoal dorme durante o dia e sai mais à noite.

P - Dorme de dia e fazem o que de noite?

R - A noite, como se diz, a maioria é mãe solteira, à noite elas saem para ganhar a vida, assim que elas falam, ganhar a vida é ganhar o dinheiro dos homens, é isso que elas fazem.

P - Deixam as crianças com quem?

R - Muitas têm as irmãs mais velhas olha os pequenos.

P - A mãe vai à luta. Mas elas aonde? Na estrada?

R - Não sei aonde elas vão não.

P - Não tem uma casa?

R - Realmente, só sei que elas fazem esse tipo de coisa, não sei se elas levam para casa, algumas diz que levam, arrumam namorado e levam para cá, outras não, saem com o cara e fica por aí em qualquer lugar, mato, o pessoal aqui faz até na moita por um quilo de carne.

P - Isso elas fazem, você acha que como maneira de ganhar, mas ganha mais nené também.

R - Isso estou batendo também, batalhando, explicando para elas que não é por aí, que estão se estragando, que precisam dar valor a elas como mulher e não é por aí, tem muitas maneiras de criar os filhos da gente sem ser usando o corpo. Falo para elas: "Ah, Tônia, não tem serviço." Eu

falo assim: “É muito melhor você sair e arrumar um emprego no posto, tem posto aqui perto pede emprego, vai lavar uma roupa em casa, fazer uma faxina na casa de outro.” Sempre falo para elas, mas essas pessoas são até difícil, quando trabalho ali porque a maioria quando dorme acorda mal humorada, elas dormem mais de dia. Falei com o secretário de saúde: “Olha, Elinar, acho que vou ter que mudar o horário de trabalho quando passar por lá, acho que vou ter que trabalhar à noite.” Ele falou: “Por quê?” “Porque de dia a maioria está dormindo.” Aqui precisa ouvir, tem tantas coisas que precisa ouvir mesmo e se elas dormem.

P - E as crianças ficam onde?

R - Você não viu aquele tanto de menino, aquele tanto de neto daquela mulher, fica por ali brincando. Ali é assim, os mais velhos dá comida para os menores, dá arroz quando tem, quando não tem come farinha com água e com isso eles vão passando. Come na casa de um que tem carne. Você chega lá menino está chorando, vou lá à Vera, q assistente social, arrumo cesta, cobro delas: “Que é para fazer a comida da criança mesmo que você saia de casa, mesmo que vai sair para ganhar a vida, como elas falam, você tem por obrigação deixar o seu filho, dar banho nele da tarde, dar a janta para ele, você tem por obrigação.”

P - Você fala assim para elas?

R - Porque eles não pediram nenhum para nascer, se você fez, colocou no mundo, você é responsável por essa vida, sempre falo para elas isso. Tem umas cinco ou seis que são meio relaxadas, cobre delas, elas choram e eu fico com dó, Karen.

P - Elas choram?

R - Elas choram. Um ou dois meses teve uma que saiu, deixou o menino em casa eu peguei e chamei a agente de saúde da outra área aqui do outro lado, Delzirene para a nós ir lá, a menina estava rouca chorando. Aí peguei, abri a porta da cozinha, Delzirene falou: “Ela não gosta que entra.” Eu falei: “Sinto muito mas vou entrar para ver o que está acontecendo com a criança.” Estava só no trinco, abri, a criança estava deitada na cama, sozinha. Aí fiquei lá esperando ela chegar e falei para ela que não era certo ela fazer aquilo, falei assim: “Olha, ela não pediu para vir ao mundo, ela não pediu para ser feita, já que você fez, colocou no mundo, você vai assumir o seu papel de mãe, se você quer sair.” “Ah, não posso ficar dentro de casa, não posso pagar ninguém para olhar.” “Mas você tem que dar um jeito de atender primeiro a sua filha para depois sair, você tem que deixar ela banhadinha, tem que pedir uma vizinha para olhar, você deixou ela praticamente só, isso não quero que aconteça mais, vou passar para a assistente social, não quero ser indelicada com você. Isso não é certo, você vai sair para ganhar a vida então deixe seu filho limpo com a barriginha cheia e deixe uma vizinha para olhar, mas nunca o deixe só.” Ela chorou, chorou. “Ah, Antônia, mas o que eu vou fazer, não tenho como pagar, se eu não sair como que eu vou arrumar dinheiro?” E chora e chora e fico com dó, acabo ficando com dó, fico entra a espada e a cruz, sem saber o que fazer, pegar não posso lá dentro de casa, tenho dois. Aí fica.

P - Mas perto não tem creche?

R - Tem, mando levar para a creche. A mãe passa o dia inteiro dormindo, o problema é isso. Até falei com o Elinar, falo muito no Elinar, O Elinar fala que sempre estou lá cobrando. Falei para o Elinar assim: “Olha, Elinar, gostaria que quando você fosse falar com o prefeito para arrumar kombi da prefeitura, kombi escolar, até ficava responsável, depois da sete horas trazia para a moradia popular, esperava, nós colocávamos as crianças, levávamos na creche com esses meninos para comer e depois nós botamos no carro, trazia e deixava no pátio aqui das casas popular.” Porque tem mãe que não liga não, só quer parir mas na hora de cuidar. Eu fico sem saber cobrar porque se vou cobrar elas choram: “Ah, porque ninguém me dá nada, todo mundo cobra de mim.” e fica assim aquela coisa.

P - São mães mais velhas ou são meninas?

R - Não, 18, 20 anos.

P - Sem marido, os pais que tem por aí, os pais dessas meninas?

R - Essa menina mesmo. A mãe dela estava gestante já de outro homem e é também mãe solteira, a mãe dela leva homem em casa.

P - Você pegou a menina?

R - Não, ela está comigo aqui, fica comigo todo mês, dou 60 reais para ela, meu marido paga para ela ficar aqui e ajudo como posso porque também só ganho pouco. Estou pagando 60 e ela faz tudo, falo para ela: “Te ajudo e você me ajuda.” Porque olha, Karen, ela fica de manhã até o meio dia, fica de seis horas aqui até chegar do colégio, ela pega a minha bicicleta que está aqui atrás e vai para a casa dela à noite. O dia que tenho duas aulas e venho embora, oito e meia e nove horas, porque a minha casa é muito pequena não tenho como ela dormir aqui, os meus meninos dormem na beliche, não tenho como.

P - Ela fica e espera você chegar?

R - Ela espera, fica assistindo a novela aqui e a mãe dela é muito séria.

P - Ela tem irmãozinhos pequenos também.

R - Tive uma conversa séria com a mãe dela e ela mudou, agora espera a menina a noite chegar para ela sair.

P - A mãe dela também vai ganhar a vida também na luta? A maior parte das moças é assim que faz? As mulheres daí?

R - As que não têm marido sim. A doutora faz uma palestra sobre Aids, a Dra. Raquel passa o vídeo e traz os preservativos. Elas mesmas têm vergonha de pegar no postinho. Falei assim: "Dra. Raquel, faz o seguinte: vamos dar a palestra lá e depois da palestra a senhora ensina como usar e dar o preservativos para elas." Porque elas tem que usar, não estavam usando e agora estão usando. Bati nessa tecla mesmo: "Já que vocês tem parceiros e já que sai toda noite, então vai ter que pedir o seu parceiro para usar, é para o seu bem. Deus me livre, vocês já não tem o que comer, imagina pegar uma doença como vai comprar remédio? Como vai se cuidar?"

P - E mesmo que essa vida assim elas não ganham dinheiro não? Muito pouco?

R - Mixaria, Karen, homem dá mixaria, sai com homem casado, essas coisas e ganha mixaria. O que elas ganham, compram um quilo de carne, sustentam o vício do cigarro, essas coisas assim. Vou fazer uma reunião sobre o fumo para ver se diminui esses fumantes porque falo para elas assim: "Olha, a gente só tem um vício quando dá para sustentar ele, quando não dá para sustentar o vício então tem que abandonar o vício. Você tem que abandonar esse vício, vocês estão se estragando, o pulmão está ficando horrível." Eu falo para elas. "Daqui uns dias você pega uma gripe, não consegue curar a gripe, aquela tosse seca e não vai curar, é o cigarro, a nicotina." Eu falo para elas "Ah bem, vou largar, vou largar." E vai no outro mês passo esta fumando "Eu diminui estava fumando uma cartela estou fumando meio." Eu falo: "Pois é, vai deixando aos poucos que você consegue."

P - Toinha, o que mudou na sua vida depois que você começou a ser agente, a fazer esse trabalho? O que você mudou?

R - Mudou muita coisa, a mudança começou dentro da minha casa, olha, a maneira, olha aqui em casa, o brasileiro é muito acomodado, ele sabe que a coisa está errado. Antigamente colocava o meu lixo na porta, não ensacava o lixo, colocava num tambor assim, às vezes eu colocava amontoadinho. Vê o trabalho para os lixeiros, achava que não, colocava ali, galinha ciscava, depois é que eu comecei a trabalhar como agente de saúde, tive o treinamento, comecei a ver que estava fazendo tudo errado. Eu pensei assim: "Olha, essa sacola de supermercado que a gente compra, em vez de jogar no quintal para ficar sujando o quintal, coloca o lixo dentro." É o que estou fazendo, um monte de sacolinha amarrada, coloco o meu lixo, vou amarrando e assim vou passando para os meus vizinhos, muitos não fazem mas ensinar, eu ensino. Eu falo: "Gente, o saco fica voando, o saco plástico, coloca o litro de óleo usou acabou, coloca, amarra na sacolinha, o lixeiro toda semana passa, você não vai usar quatro, cinco litros de óleo numa semana, vai usar dois, três, você não vai comer tanto óleo assim, mesmo com uma família grande, dois, três litros por semana, uma sacolinha dá para três litros." Ai eu vou ensinando as pessoas. Eu jogava também muita coisa fora depois que passei a conhecer melhor, tive o treinamento em Palmas também com a cozinha alternativa aproveito abóbora, aproveito tudo não vai nada para o mato.

P - Nem a casca? Você precisa me ensinar isso.

R - Nem a casca, a gente rala, você pega a abóbora madurinha, você lava ela bem lavada, você corta a saiotinha dela, coloca numa bacia com um litro d'água e uma colher de vinagre. Ai você deixa uns cinco a dez minutos lá, depois você pega e rala no ralo a saiotinha, você coloca uma panela no fogo com gordura e vai com todos os temperos você joga lá dentro frita e faz a farofã, é uma delícia! Pode jogar um pouquinho da multi mistura dentro também, é uma delícia!

P - Mas para quem, para as crianças?

R - Para os meninos, olha os meus meninos não são assim gordos porque o meu marido é magrinho e sou bem fina, mas os meus meninos nunca deram, não vivem escorrendo o nariz, doente, vivem só no postinho. A casca da banana jogava no mato, faz xarope para a gripe com a casca da banana.

P - Tudo isso você aprendeu lá?

R - Aprendi e depois comecei. Faço o xarope, a farofinha da casca da banana, a entrecasca da mandioca não vai mais para o mato, jogava tudo. Sabe por que nós brasileiros, a gente alimenta mal porque quer, porque joga muita coisa fora, se aproveitar tudo, a gente joga as coisas que tem vitaminas e come uma que tem menos. Igual assim, a mandioca tanta folha e a entrecasca tem muito mais que a própria massa dela, a gente joga fora e por isso estou aprendendo, achei foi demais.

P - Vou fazer essa receita.

R - Isso e a multi mistura, a cozinha alternativa. Menina, a gente aprende tanta coisa, a gente faz a paçoquinha, coloca multi mistura, dá para criança. Falo para as mães, cedo tem a receita da abóbora aqui, a dona também faz, com a casca da mandioca também já faz.

P - Você vai ensinando.

R - Vou ensinando, chego está lá no lixo, eu falo: "Gente, não joga no lixo, está com a comida dentro de casa e joga no lixo." "Ah, mas foi a casca." "Não a casca, foi a entrecasca." A gente não tira a casca preta e fica aquele rodadinho, o outro branquinho, aquele lá é entrecasca, faz farofinha, coloca a multi mistura, dá para menino comer até.

P - E isso você mudou na sua casa. O que mais você mudou aqui?

R - Ah, muitas coisas assim, em relação aos meus filhos, até a maneira de eu educar os meus filhos mudou porque a gente aprende muita coisa que a educação tem que começar em casa, que a família educada tem saúde, quando sabe educar os filhos da gente e ensinar os filhos da gente que não pode jogar, comer uma banana, jogar alguma coisa em lugar errado ou casca de laranja, essas coisas assim. Eles guardam a casca: “Mãe, prepara alguma coisa com a casca.” A laranja joga fora a casca, mas tem que jogar no lugar certo, a casca do ovo não joga já guardo que é para aproveitar na multi mistura. Gosto mais do ovo caipira, o ovo assim de granja é mais fraco, apesar que eu faço de todos, mas gosto mais do ovo da galinha caipira.

P - Então você mudou toda a forma de trabalhar com a comida?

R - Isso, com a comida.

P - E com a sua vivência com os outros, com o mundo o que é que mudou?

R - Antes de ser agente de saúde não via próximo como vejo com os olhos de hoje. Achava, quando passei a participar da comunidade, dos problemas da comunidade, me senti mais humana, generosa, sabe, humilde. Tudo isso mudou dentro de mim mesmo, mais humilde, mais generosa, mais humana em relação ao outro. Ajudava um aqui outro acolá mas não é como agora que me preocupo mais. Tem coisas assim que te tira do sério, tira até o sono, você vê o caso de criança você se sente como fosse mãos atadas, você dorme e acorda com aquilo martelando. Antes não, se eu visse não estava nem aí porque não era com o meu filho, agora não, agora me preocupo mais. Mudou muita coisa dentro de mim, mudou isso, não sou a mesma pessoa a mais de um ano.

P - Toinha, e agora, o que você quer fazer para o futuro? Qual é o seu plano?

R - Sinceramente, se ganhasse na Telesena, Papa Tudo, sabe o que fazia? Todo dia fazia um sopão para dar para os pobres, para mim dar para as crianças carentes, se tivesse condição fazia isso. Pelo menos uma alimentação no dia, se tivesse dinheiro, fazia. Penso assim, queria tanto querer mudar a vida da minha comunidade, das pessoas carentes, não são todas, tem alguns precisam mais do que outras. Eu gostaria de abrir um posto de saúde aqui para as minhas crianças no dia da vacina a mãe falar: “Hoje o sol está quente vou ter que descer lá.”, mas com fé em Deus o prefeito vai montar um posto aqui. Penso que um posto de saúde é muito útil.

P - E esse sopão você não consegue fazer o prefeito fazer aqui e o supermercado doar e organizar?

R - Isso já foi falado, mas aparece tantos obstáculos. Se for dado o sopão para as pessoas vai acomodar mais ainda as pessoas, eles falam. Eu falo: “Se não der a pobreza vai aumentar ainda mais e a fome vai continuar.” Acho assim, Karen, que a gente tem que fazer um pouquinho, não pode fazer tudo, um pouco, se a prefeitura pudesse fazer um pouquinho aqui e outro ali já amenizava mais os problemas. Ficou em debate, a gente falou sobre sopão, sobre cestas porque tenho muito velhinho na minha comunidade, tem muitos idosos. Você vê pessoa sofrida, idoso é como criança, precisa de cuidado, a alimentação dele não pode ser uma alimentação como nós mesmos assim na idade comemos. Uma pessoa de 70 anos não vai ter mais o organismo para ter uma alimentação como nós que estamos na flor da idade. Então gostaria assim, vou conversar até com a primeira dama para ver se ela consegue cesta para aqueles velhinhos bem carentes, pelo menos uma por mês. É isso que eu penso em ajudar a minha comunidade.

P - Está bom.

R - É um sonho quero que realize.